

ELP

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade, Administração e Redacção
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS
Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — Lisboa
Director Interino: António G. Calvino

Composição e impressão:
TIP. ESCOLA DA A. D. F. A.
Rua de Artilharia Um — LISBOA

EDITORIAL

Os inimigos da revolução conspiraram, atacaram, dispararam, mesmo sobre o que o Povo Português, ao longo de toda a sua história, conseguiu de mais precioso: a oportunidade de ser obreiro da sociedade em que vai viver — a sociedade socialista.

Enquanto os Spínolistas desesperados se lançavam no seu próprio suicídio, os extremistas da direita organizaram-se e criaram esta sinistra organização que é o E.L.P. (Exército de Libertação Português), cuja existência é já do conhecimento público.

Para formar um exército são necessários milhares de homens combatentes. Não são os opressores fascistas que fugiram à justiça no 25 de Abril que serão capazes, tanto em quantidade, como em qualidade, de formar as fileiras de um exército. Esses, tão viciados no brilhante conforto da longa noite fascista, não serão capazes de empunhar uma arma e aguentar as dificuldades do combate ou da missão arriscada. Esses não. Do alto do seu conforto comandam e dominam ainda.

Com quem contam eles para as fileiras do seu «ELP»? Contam, por inacreditável que pareça, com aqueles filhos do Povo que, por eles oprimidos e explorados, lhes iam, vítimas da ignorância e do obscurantismo, defender o café, o açúcar, o ouro e os diamantes que agora vêm perdidos. Querem basear-se nos ex-combatentes para abafar novamente o grito de liberdade e vitória que soa das gargantas do Povo. Mas esses ex-combatentes quando foram soldados também eram filhos do Povo, e só não foram iguais aos seus camaradas de hoje do RAL 1 e das outras unidades do MFA, porque não tiveram a feliz oportunidade de, tal como estes, serem esclarecidos e politizados para livremente optarem pela defesa do seu Povo e pelo repúdio e renegação dos seus carrascos e opressores.

Se outrora os soldados que combateram em África não apontaram as suas armas para S. Bento em vez de as apontarem para a cubata, não esqueçamos que foram os seus próprios chefes, mais chegados, que o fizeram no dia 25 de Abril.

O desespero que em Madrid leva os tiranos a tentarem mobilizar pela segunda vez os jovens Portugueses para lutarem contra o seu Povo e os seus próprios ideais será frustrado. Depararam, salvo raras excepções, e por motivos de obscurantismo e despolitização ainda, com jovens já mobilizados para a verdadeira luta e que agora é Patriótica — a luta pela defesa intransigente da revolução e do Povo Português.

«ALERTA CAMARADA»

A Organização fascista E.L.P. (Exército de Libertação Português), desmascarada no passado dia 23 de Março pelo Chefe do Estado Maior da Região Militar do Porto, no decorrer de uma conferência de Imprensa, não passa de uma organização servida por saudosistas ligados ao grande capital que, vendo perigar os privilégios de que eram utentes antes de Abril 25, tentam desesperadamente, desvirtuar a luta dos trabalhadores e do M.F.A., espalhando o boato, lan-

consumado mas que, efectivamente, se tornou irreversível.

Camarada que estiveste em África... camarada que tal como nós foste utilizado pelos carrascos do povo que fomos numa guerra injusta e fratricida... ALERTA, alerta porque infelizmente as marcas que temos no corpo, são um atractivo que esses senhores não deixarão de explorar. Eles aparecerão de certo com falinhas mansas; com a verbosidade falsa do portuguesismo d'aquém e d'além mar; com

argumentos falaciosos de que foste enganado e ultrajado com a descolonização; utilizarão uma arma chamada (demagogia) falando no sangue que deixaste em África; falar-te-ão em patriotismo e espírito nacionalista etc. etc.. Muitas serão enfim as manobras que tentarão utilizar para te transformar em inimigo do Povo trabalhador. Mas nós, saberemos decerto responder a essa canalhada que está intimamente ligada à exploração colonial e que criou as condições para que o nosso sangue fosse sacrificado. Foram eles ainda que depois de nos utilizarem nessas guerras de opressão nos votaram ao mais vil desprezo, negando-nos o direito a uma vida digna. Os deficientes das Forças Armadas não-de estar sempre ao lado de todas as forças progressistas deste país na luta contra qualquer organização que tente o regresso à ditadura fascista.

Passamos a referir algumas passagens da conferência de imprensa dada pelo chefe do Estado maior da Região Militar do Porto.

«Uma organização terrorista armada, com quartel general em Madrid, auxiliada por estrangeiros, planeia para o nosso País uma onda de violência utilizando o assassinio,

(Continua na pág. 2)



Elementos do E. L. P. numa reunião em Espanha

quando o descrédito nos oprimidos e aliciando as vítimas directas e indirectas das guerras Coloniais a colaborar nas sujas manobras de lançar o sangue e o luto nesta terra martirizada por séculos de ditadura Monárquica, clerical e burguesa, contra a qual esses ditos libertadores nunca se insurgiram. Agora que o proletariado português caminha para a sua libertação, escrevendo ele próprio, talvez pela primeira vez, páginas da nossa História, é que esses criminosos investem contra um facto que não querem ver

**PARTIDOS SOCIA-
LISTA E
COMUNISTA**
≈
**RESPONDEM A
INQUÉRITO**

Pág. 6

A NOVA LEGISLAÇÃO

Encontra-se em fase bastante avançada a preparação do novo Decreto-Lei que conterà as linhas fundamentais da Reabilitação, Assistência e Indemnização dos Deficientes das Forças Armadas.

A ADFA tem participado activamente na elaboração do Diploma, não tendo, até agora, sido definido qualquer ponto sem o seu acordo. A discussão de todos os pontos tem sido feita com os associados nas reuniões semanais de terça-feira.

Tem sido precisa a nossa colaboração, como é evidente, pois são os deficientes aqueles que melhor poderão apontar as fórmulas exactas para a resolução dos seus problemas. Essas fórmulas, que não devem ter o cunho do paternalismo,

têm sido apontadas da forma mais exacta e que melhor se coaduna com o processo revolucionário e a justiça social a criar para todos os Portugueses.

É ao elevado grau de politização e consciência dos Deficientes das Forças Armadas que se deverá a elaboração de uma legislação justa e revolucionária, caracterizada pela notória ausência de privilégios e falsos protecctionismos que são sempre motivo de alienação e segregação social.

Pontos há, ainda, que, devido aos erros cometidos pelos legisladores fascistas só com a revisão de legislações que transcendem o ministério militar poderão ser substituí-

(Continua na pág. 2)

« ALERTA CAMARADA »

(Continuação da pág. 1)

atentados, sabotagem e raptos. Essa organização, servida por poderosa máquina financeira funciona com características militares, auto-denominando-se Exército de Libertação Português.

Disse o Coronel Eurico Corvacho, Oficial do M.F.A., na qualidade de mandatário do Conselho da Revolução: «Graças à vigilância Popular, foi possível detectar a existência e os propósitos de tão nefasta organização e prender já alguns dos seus agentes. Com as limitações que nos impõe a instrução dos processos em curso, vamos tornar público o máximo que essas limitações nos permitam, pedindo desde já desculpa pelas dúvidas ou pontos omissos que vão ficando».

Pretende o ELP agudizar os problemas de trabalho, greves nos estabelecimentos de ensino, boicote das leis do Governo Provisório, sabotagem da economia, criação de conflitos entre partidos políticos, boatos difamantes das principais personalidades do MFA e do Governo. Ao atingir esses propósitos com a exploração de manifestações, comícios, etc., onde introduz equipas especialmente treinadas para o efeito tornam possível confrontos com forças militarizadas, criando um clima de insegurança e desordem que no homem comum poderá criar um espírito saudosista receptivo a qualquer contra-golpe que seria interpretado como golpe salvador.

Os organizadores desse exército ao serviço dos monopólios fizeram grande colecta de fundos com a finalidade de adquirirem duas emissoras de rádio que, operando em território Espanhol, uma a Norte outra a Sul, ambas controladas por um centro de estudo de dados, deturpariam os factos reais da vida portuguesa, na tentativa de criar a intranquilidade e provocarem escândalo em figuras progressistas do MFA e outras. O ELP pretendia, através de elementos seus colocados em serviços públicos e de utilidade pública (Câmaras, Finanças, Companhias de Águas, Luz, Gás, etc.), provocar pequena e grandes avarias que privassem certas zonas de água, luz, telefone, transportes, etc., sabotagem económica, criação de conflitos de trabalho. — Assim aparece a F.T.A.C. (Frente de Trabalhadores Anti-comunista). Esta organização lança panfletos com ameaças de violência e fazem aparecer falsos «leaders» da classe trabalhadora que, por sinal, até fazem grandes e recentes seguros de vida.

O CONGRESSO DOS EX-COMBATENTES

O Sinistro ELP. dispõe de listas do Congresso dos Ex-Combatentes, com a intenção de os recrutar, chamando-os à unidade e à acção. Igualmente pressionaria sempre os familiares das vítimas que provocaram na guerra Colonial. Esquecem-se é que todo o Povo Português está hoje virado contra os seus exploradores e que cada ex-soldado voltará a pegar na espingarda, e ao lado dos soldados de hoje, se for caso disso, para se libertar dos seus carrascos. Esquecem-se também esses miseráveis que aqueles que ficaram sem pai, sem filhos, sem maridos, sem irmãos, clamam hoje por justiça para os culpados da guerra e não querem mais vítimas inocentes numa guerra que só servia os interesses monopolistas e imperialistas.

Estava também programado, uti-

lizando os meios de acção de que iriam dispor, sobrepor uma imagem de Fátima no momento em que o Primeiro Ministro se encontrasse a falar nos écrans da Televisão. Era com este jogo sujo, que o ELP. tentava manobrar o trabalhador para o continuar a escravizar.

ACÇÕES VIOLENTAS

Com a formação de grupos armados, em Portugal e no estrangeiro, pretendiam pôr em prática o terrorismo selectivo sobre personalidades dos partidos de esquerda e do MFA.; raptos de embaixadores com o fim de obterem resgates; assaltos para obtenção de fundos e criar a insegurança nas pessoas. Para executarem o seu plano, parece disporem já, em local secreto de pistolas metralhadoras «Scorpion» com silenciadores, pastas tipo «Diplomata» com pistolas metralhadoras que se podem disparar pela pega da pasta; e ainda detonadores que rebentam pelo aquecimento do escape dos automóveis.

MERCENARIOS

O comando do ELP. tem ligações com grupos de mercenários organizados por ex-oficiais do Exército Português, num dos países da África e que planeiam actuar em Moçambique, Angola e eventualmente em Portugal. Mantêm ainda ligações com outras organizações Portuguesas. (Quais?...)

«Morgan» que tem o nome de código de «Afonso» e «Castor» que tem o nome de «Joaquim», sendo este engenheiro Guatemalteco e usa o Passaporte com o nome de Hugh C. Franklim, são dois passadões que tiveram ligações na instauração de regimes de Direita na América do Sul, onde adquiriram a experiência que agora pretendem por em prática no nosso País.

REUNIÕES

Segundo o regulamento do grupo terrorista, as reuniões são sempre em número restrito de participantes por questões de segurança.

Em Verim (norte de Espanha), no Hotel Duas Nações, já se realizaram algumas reuniões. Houve também reuniões no restaurante «Las torres» à entrada de Salamanca. O «Morgan & Castor» assistiram a essas reuniões além de elementos da célula do comando da região norte.

VISITAS A PORTUGAL

O «Castor» efectuou já várias visitas ao nosso país, tendo saído de cá sempre a salto. A última vez que este bandoleiro deu o salto foi no dia 10 de Março, possivelmente por ser muito rato e prever o aborto do contra-golpe do 11 de Março.

As reuniões para angariar elementos fazem-se em número nunca superior a 4 pessoas e tiveram sempre carácter privado.

Há também informações de que o ELP tem militantes que se encontram a prestar serviço militar e que aí conseguem obter informações militares.

IMPLICAÇÕES DO ELP NO 11 DE MARÇO

Sabe-se também que os Spínolistas orquestradores do 11 de Março, estabeleceram contactos com o comando do ELP no Norte, em meados de Fevereiro para que aquela organização neutralizasse ou retardasse, através da actuação de grupos de acção, a saída de forças daquela Região Militar fiéis ao

MFA. Os lacaios contactados no Norte entenderam que o assunto transcendia a sua competência e em 17 de Fevereiro esses emissários deslocaram-se à Capital Espanhola onde explicaram o golpe militar indo ao pormenor do assalto ao RAL 1. O contra-golpe estava programado entre o dia 21 e 27 de Fevereiro. O Comando decidiu não interferir a fundo, no entanto não se afastaria por completo de modo a tirar partido da situação. E foi assim que no grupo de civis armados detidos em Tancos no 11 de Março se encontravam elementos daquela organização.

INDIVIDUOS IMPLICADOS E DETIDOS

Por averiguações já feitas, sabe-se que os indivíduos a seguir discriminados tinham ligações activas com o ELP. São eles:

Artur Frederico Ancede Barbosa da Fonseca, Luís Marcos Sotomayor Negrão, António Maria de Noronha e Távora de Azevedo Leme, José António dos Santos Figueirinhas Correia, José Vieira de Carvalho, Rui Hofre de Araujo Moreira, Francisco José Braga Fernandes Borges, Artur Armando Camarate dos Santos, Joaquim Ferreira da Silva, José Pinto, Abel Malveiro e Bernardo Monfalim Filho.

Outros há, que estão detidos, cujo nome não foi divulgado por estar a proceder-se a averiguações.

Para que não restem dúvidas nos espíritos das pessoas, todos estes indivíduos são pessoas ligadas ao fascismo e ao capitalismo. — José Vieira de Carvalho era, antes do 25 de Abril, presidente da Câmara da Maia, deputado e presidente da Comissão política nacional da ANP; Rui Hofre de Araújo Moreira era o «patrão» da Molaflex; Artur Ca-

marate dos Santos era secretário do extinto partido liberal e estava fortemente comprometido com a intontona de 28 de Setembro. Todos os elementos identificados, estavam comprometidos com os partidos do Progresso e Liberal. Por todos estes dados, oficialmente divulgados, ficam bem patentes as odiosas intenções do ELP.

Que pretendem estes Ex-Legionários - Portugueses? Libertar o quê? Certamente que só pretendem libertar a camarilha reaccionária que se encontra presa e que lhes faz falta para voltarem a explorar o trabalhador.

ALERTA CAMARADA! Vamos estar vigilantes ao lado da classe trabalhadora; vamos desmascarar esses canalhas à solta, sempre que eles apareçam, e, se for necessário, colocaremos todas as nossas potencialidades ao serviço da libertação e independência popular do Povo explorado que somos. Alerta Companheiros! Vigilância popular organizada, lembremo-nos que a criminosa organização CIA, não é alheia a todas estas manobras.

Unidos e organizados, conscientes e vigilantes, teremos a força suficiente para não permitir que forças estranhas e criminosas interfiram na nossa terra em apoio dos reaccionários.

Quando um Povo inteiro desperta em 25 de Abril; quando esse Povo se vê ameaçado em Setembro 28 e trava o passo à reacção através das barricadas; quando esse Povo em 11 de Março, metralhado no RAL 1 pela reacção, reage admirável e conscientemente; quando ainda em 11 de Março o Povo sem farda, se reúne às portas do RAL 1 com aviões e helicópteros a sobrevoá-lo e sem medo pede armas para combater a reacção! Companheiros, ninguém... seja Spínola, ELP ou CIA, ninguém repetimos, será suficientemente forte para impedir que a vitória nos pertença.

Spínola e mais 18 oficiais expulsos das Forças Armadas

O Conselho da Revolução, após a aprovação do Diploma que previa a expulsão das fileiras das Forças Armadas como sanção a aplicar aos autores do golpe contra-revolucionário de 11 de Março, forneceu a seguinte lista dos oficiais já abrangidos por aquela decisão.

General António Ribeiro de Spínola, brigadeiro Francisco José de Morais, coronel Orlando José Saraiva Gomes do Amaral, tenente-coronel Vasco Augusto da Silva Pinto Simas, major Vítor Manuel da Ponte Silva Marques, major José Eduardo Zuquete da Fonseca, major José Eduardo Fernando Sanches Osório, major Carlos Alberto Pinto Simas, major António Manuel Sales de Mira Godinho, capitão-tenente Guilherme Almor de Alpoim Calvão, capitão-tenente Alberto Rebordão de Brito, primeiro-tenente Carlos Alberto de Orey Zusarte Rolo, primeiro-tenente Amadeu Cardoso Anaia, primeiro-tenente José Maria Silva Horta, primeiro-tenente Raul Dias da Cunha e Silva, primeiro-tenente

Benjamim Lopes de Abreu, segundo-tenente João Carlos Cansado da Costa Corvo e alferes Miguel Vilar de Góis Sommer Champalimaud.

Ficam estes inimigos do Povo suspensos do exercício dos direitos políticos pelo tempo de 20 anos; não poderão mais usar as medalhas militares ou condecorações; não terão mais recompensas ou pensões por serviços anteriores; não poderão mais pertencer às Forças Armadas.

A todos os implicados na intontona de 11 de Março são congelados todos os seus bens patrimoniais (que não são poucos).

O Conselho da Revolução considerou que, na tentativa contra-revolucionária de 11 de Março, os seus autores provocaram a confrontação fratricida entre militares e, em manifesta oposição ao programa do M. F. A. tentaram criar um clima propício à confrontação violenta entre forças políticas representativas do Povo Português.

Nova Legislação

(Continuação da pág. 1)

dos por fórmulas justas.

Por conseguinte, se certos aspectos puderem ser apontados como não totalmente justos e correctos, a nós não nos poderá ser imputada a culpa, e desde já é nossa vontade expressa de fomentar uma revisão a nível nacional, sendo exemplo concreto a Tabela Nacio-

nal de incapacidades.

Este Decreto-Lei será uma nova malha que implicará, por si, a substituição de toda a velha rede.

Nós continuaremos a participar na construção de toda a nova rede porque só os interessados participando directamente na resolução dos seus problemas poderão as soluções ser justas e perfeitas.

CONDENSADO DO LIVRO DESAFIO AO VENTO

(Continuação do número anterior)

Ela me ensinava dia após dia, mês após mês. Não sei como tinha paciência para resistir a tal provação, pois eu era, muitas vezes, um aluno irritável, intrigado pelas complexidades das contas de dividir com muitos algarismos, cansado e cego. Mas, depois de dez meses de trabalho, submeti-me às provas de passagem para o 4.º ano e fiquei bem em tudo. Quando soubemos os resultados — nota seis em ortografia e interpretação do texto e nota quatro em aritmética —, toda a família Krent ficou louca de alegria. Meu pai deu um grito que ecoou pela casa, Babby plantou bananeiras, Larry deu-me uma grande palmada nas costas e minha mãe até chorou um pouco. Eu me limitei a sorrir. Na segunda-feira seguinte voltei para a escola em tempo integral. Foi uma sensação maravilhosa.

Entretanto, meu irmão Larry tomara a seu cargo a minha reabilitação física. Certo domingo de manhã, anunciou que chegara a hora de me repor em forma e que estava absolutamente decidido a jogar futebol americano com o irmão, como todos os seus amigos jogavam com os seus irmãos. Quando protestei que não via, replicou-me que o passe a gente apanhava com as mãos e não com os olhos. Prometeu atirar a bola com a máxima precisão; eu só teria que segurá-la com firmeza, sem a deixar cair.

Em casa, pareceu simples, mas, quando fomos para o quintal, surgiram problemas. Mal comecei a correr para interceptar um passe, comecei também a tremer de medo. Experimentem apanhar uma bola de olhos fechados e compreenderão o que senti.

«Não fuja com o corpo!» — gritava Larry, furioso, e no momento seguinte a bola me acertava a cabeça. «Ninguém morre com uma bolada na cara, Harold», tentava consolar-me. «Portanto, pare de tremer. Você agarrará a bola, se tentar».

Depois que isto aconteceu quatro ou cinco vezes, tomei uma decisão. Como não podia sequer pensar em desistir e decepcionar Larry, e como ambos os meus lábios já sangravam todos os estragos que receava estavam feitos. Resolvi, por isso, sair ao encontro da bola, da vez seguinte, tentando apenas com a perícia de lançamento do meu irmão e com a sorte. Ele atirou a bola direitinho às minhas mãos e eu a apertei contra meu corpo sem qualquer dificuldade. Larry ficou entusiasmado.

A experiência de baseball falhara, com Fern, mas Larry também resolveu esse problema. Arranjou uma bola de 25 centímetros, isto é, tão grande que dificilmente eu não a acertaria. Não tardei a batê-la por todo o caminho até a casa.

Não há nada que seja absolutamente mau. Nem mesmo a cegueira.

O Dom da Música

Um exemplo disso foi o concerto de Natal no 5.º ano. A música era uma das disciplinas em que um aluno cego podia brilhar, e eu tinha o melhor ouvido da classe.

Durante semanas, estudei uma peça de Haydn para violino, a fim de estar preparado se me convidassem para um solo. Até meu pai, que ora o meu crítico mais severo, ficou

agradavelmente surpreso ao me ouvir tocar, em casa. Quando chegou o dia da escolha dos papéis, entrei na sala de música bastante calmo e confiante.

Mas todos os meus esforços tinham sido vão, pois nem sequer me permitiram tocar um número. Senti uma frustração terrível quando o último solo foi confiado a uma moça que começara a aprender violino havia apenas seis meses. Eu tinha o direito ao solo, até por questão de antiguidade!

No dia do concerto, toda a orquestra entrou no ginásio, onde estava reunido um grande auditório de alunos e familiares. Fui tomado por uma onda de inveja quando pensei na novata que receberia, em meu lugar, os aplausos de toda aquela gente.

O concerto decorreu na maior perfeição. A orquestra tocou com um virtuosismo incomum e os primeiros solos chegaram ao fim sem uma única falha. Até que a moça se levantou e caminhou para a entrada do palco, com o seu violino. A assistência acolheu-a num silêncio de expectativa, que me enervava.

«Por favor, meu Deus, faça com que ela arrebe uma das cordas!», pedi mentalmente.

Mas Deus tinha outros planos. O solo foi tocado sem um deslize, assistência ovacionou e eu, contrafeito, fiz o mesmo.

Chegou, por fim, o momento culminante. O coro da escola reuniu-se na galeria, munido de velas, e a orquestra começou a tocar «Noite Feliz». Lentamente, as luzes se apagaram, deixando-nos como única iluminação a luz trémula das cem velas empunhadas pelos membros do coro, que cantava suavemente.

Também lentamente — e dramaticamente —, a orquestra começou a falhar, em proporção directa à diminuição da luz. Quando esta se extinguiu por completo, aconteceu o mesmo à orquestra, porque ninguém podia ler a pauta musical.

Ninguém excepto eu, pois toda a pauta estava na minha cabeça.

Do meu cantinho, o som de um segundo violinista solitário, mas muito orgulhoso, encheu o ginásio. O coro e eu prosseguimos, verso após verso, com a minha confiança e felicidade aumentando a cada nota. Quando terminei, o teatro quase veio abaixo. Recostei-me na cadeira e deixei-me invadir pelas ondas de aplausos. Sim, até a cegueira tem as suas compensações.

O 7.º ano assinala o início do período que é, sem dúvida, o pior na vida de uma criança: a adolescência. Isto se nota sobretudo nas meninas, algumas das quais já são muito bem dotadas de atractivos, mesmo nesta época. Acontecia assim com uma delas em especial — Emily Mason.

Homenagem a Emily

Durante a maior parte do ano, sempre que os rapazes se reuniam sozinhos, o primeiro assunto a ser abordado era o do busto de Emily. Até os garotos ainda indiferentes ao sexo falavam dela em voz baixa.

Claro que os seus dotes também não passavam despercebidos às outras meninas. Mas, sendo elas o

que são, não perdiam tempo com a infrutífera ocupação da inveja e, nada dispostas a serem ofuscadas pela colega, não tardaram a recorrer a auxílios artificiais.

Naturalmente isto colocava os rapazes numa situação muito difícil a qual, inevitavelmente, se refletia sobre Emily.

«Sabem», confessou Eddy Smith um dia, «às vezes me pergunto se Emily é... bem... se tudo aquilo é realmente de Emily.»

Durante várias semanas ficamos positivamente obcecados com essa dúvida. Pensamos nos planos mais desatinados para tirar a questão a limpo, mas foram logo abandonados, por impraticáveis. Até que uma manhã, quando estávamos todos no vestiário, antes de começar a aula de inglês, Eddy Smith segredou:

«Hei, encontrei a solução ideal! O Harold descobrirá por nós. Como ele está sempre esbarrando em tudo, porque não poderia esbarrar também em Emily? Bastava ele querer.»

«Claro que pode, Harold», afirmou Eddy, dando-me um tapinha nas costas. «É a sua oportunidade de ser útil, para variar. Faça de conta que é um explorador caminhando em terras estranhas, em busca de conhecimentos.»

«É altamente educativo», exclamou Mike Robinson, às gargalhadas.

«Sem dúvida», concordou Eddy. «É como se você fosse uma espécie de Cristóvão Colombo, empenhado em descobrir se Emily é redonda ou achatada.»

Posta a questão deste modo, como poderia eu recusar? Passamos o resto da manhã dando os últimos retoques no programa da minha «viagem de descoberta».

Cumpri a missão no meio da tarde. «Cristóvão Colombo», juntamente com Eddy e Mike, estava de pé, num canto do salão, quando, de súbito, senti a mão de Eddy apertar-lhe o ombro.

«Ali vem ela!», segredou-me. «No outro extremo do salão, caminhando em direcção a nós.»

«Orientem-me», pedi, baixinho.

«Sim, comandante», respondeu Mike e, rapidamente, me desviaram dois passos para a esquerda.

«Agora!», ordenou Eddy.

Desatei a correr a toda a velocidade, com as mãos estendidas à minha frente. A rota traçada por Eddy e Mike estava absolutamente exacta: acertei em cheio, desviei-me para a esquerda de Emily e continuei a correr.

«Desculpa», gritei, por cima do ombro.

Assim que as aulas terminaram, todos os rapazes do 7.º ano se reuniram no vestiário, para ouvir o meu relatório. Ouviam-se várias conjecturas quando entrei, mas o barulho foi substituído por um silêncio tenso, quando subi num banco, a fim de relatar o que descobrira.

«Cavalheiros, tenho o prazer de lhes anunciar que não há dúvida absolutamente nenhum. É tudo de Emily!»

«Três vivas ao Harold!» gritou Eddy, e os outros lhe fizeram coro.

«HAROLD KRENTS»

Mas a última palavra foi minha: «Três vivas a Emily», gritei.

Capacidade de Errar

O Colégio Scarsdale é grande, e se eu desejasse resumir aqui a minha experiência inicial que tive de lá, decerto usaria uma palavra: solidão. Andei de grupo em grupo de estudantes, na esperança de ser aceite. Claro que, com o tempo, haveria quem me conhecesse, mas eu desejava mais do que um «olá!» nos corredores. Por fim, no terceiro ano, decidi candidatar-me à presidência do grémio estudantil.

Meus poucos amigos riram quando lhes pedi que me apoiassem, e declararam ser impossível a um cego organizar uma campanha, quanto mais um grémio estudantil.

Logo após o capitão do time de futebol, o presidente do grémio desfrutava de uma posição mais elevada e de mais respeito do que qualquer outro estudante. Isto significava que os alunos ambiciosos e sem habilidade para o futebol começavam a se preparar para a presidência logo que se matriculavam no colégio. Não admirava, portanto, que os outros dois candidatos tivessem sido membros do grémio desde o primeiro ano, ao passo que eu não tinha experiência nenhuma do assunto. Todos os membros da campanha «pró Krents» podiam caber facilmente numa cabine telefónica, enquanto os outros tinham grande número de partidários.

O momento culminante da campanha verificou-se na véspera da eleição, quando todo o corpo discente se reuniu no ginásio. Durante uma hora, os candidatos deveriam responder às perguntas do eleitorado.

A reunião estava quase acabada quando alguém se dirigiu a mim, finalmente, e uma voz perguntou, lá do fundo:

«Porque votaríamos em você, amanhã? Há alguma coisa que o torne diferente, especial?»

Respondi que nada tinha de especial:

«Se querem um presidente diferente», acrescentei, «votem nos meus oponentes, pois ambos são diferentes da grande maioria: há dois anos e meio que pertencem a um grémio simpático, eficiente e sem imaginação nenhuma, que esqueceu os estudantes aos quais tem o dever de servir, como eles bem merecem.»

Continuei no mesmo tom e, quando me sentei, recebi estrondosos aplausos. No dia seguinte, ganhei as eleições. Foi um dos momentos da minha vida em que me senti mais orgulhoso.

Mas a primeira reunião do conselho Krents não foi nada auspiciosa. Dramaticamente, peguei o martelo e bati com ele na mão direita do meu vice-presidente, em vez de bater na mesa. Ele gritou de dor e a sessão começou.

«Este ano», anunciei, «foi escolhido um novo sistema de pedir a palavra. Em vez de levantarem a mão, dirão "Sr. Presidente" e eu lhes apontarei o martelo, quando os autorizar a falar.»

(Continua no próximo número)

FLORILÉGIO

No meu jardim,
há ZINIAS
de folhas dobradas
e cores mastisadas.
Alguns pés airosos,
garbosos,
de JASMIM,
com botões ebúrneos,
de marfim.

Em canteiro garrido,
alegre e florido,
roseiras austeras,
severas.
Em baixo,
resvês ao piso,
um delicado friso
de esguias GERBERAS.

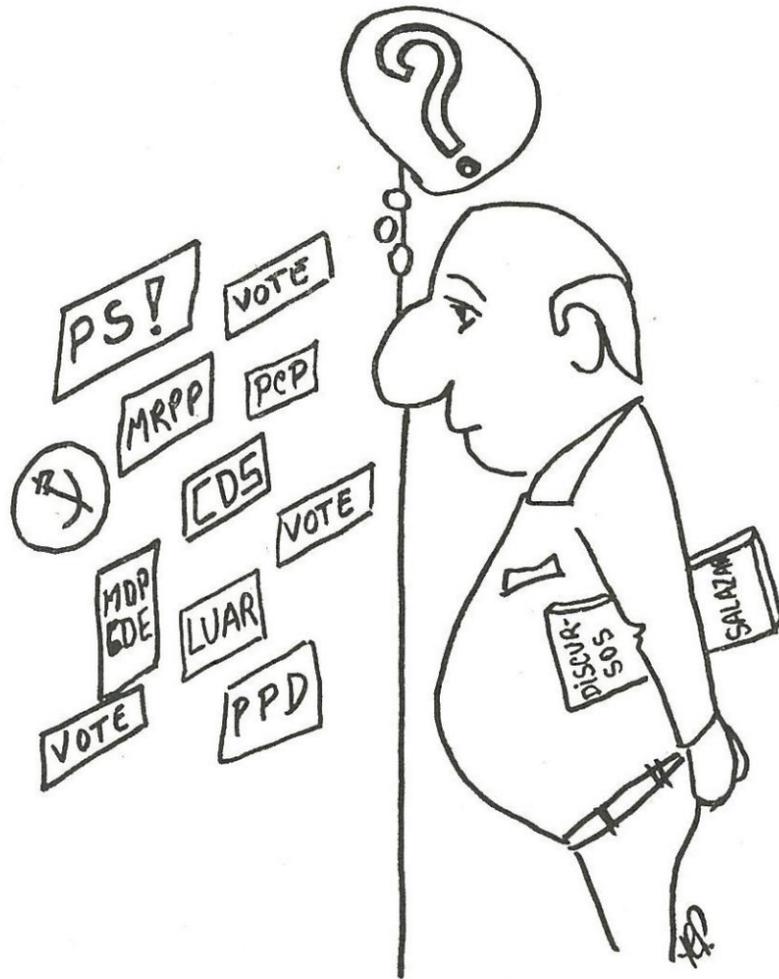
Renques de craveiros,
mensageiros,
em botão,
precoces cancioneiros,
alvissareiros
do São João.

Tufos maciços
de PETÚNIAS viçosas,
brancas,
azuis,
encarnadas.
AMORES - PERFEITOS,
e ROSAS,
de pétalas sedosas,
coloridas,
perfumadas.

SÁLVIAS rubras,
ardentes,
a baloçar,
fazendo vénias
recurvadas,
reverentes,
como a saudar,
a nobre GARDÉNIA.

E à tardinha,
bandos de mariposas,
a adejar,
vêm, graciosas,
(flores aladas),
sugar
o néctar
das irmãs paradas...

Sem Comentários



FASCISMO

Escreverei apenas a verdade
Porque devo e pretendo esclarecer
Que a palavra "Fascismo" quer
dizer
Espoliar ao Povo a Liberdade

Decretando-lhe em troca a Cari-
dade
Expressa em duras côdeas pra roer
Enquanto os que dominam o poder
Se masturbam na vil ociosidade

Não existe no Mundo crueldade
Que não seja bandeira dos cains
Que para conseguirem os seus fins

Não negam a maior atrocidade
Ditadores do crime e da maldade
Carrascos, porcos, cães, ervas ruins

PALAVRAS CRUZADAS PROBLEMA N.º 8

HORIZONTALAIS

1-Ponta aguçada; Indivíduo aca-
nhado; Trabalho árduo. 2-Amolara;
Doenças nos ouvidos. 3- Diz do ani-
mal cujos os olhos têm coloração
azul clara; defeito; nome de um ce-
real. 4- Adv. de negação; Pingos;
Prono. pessoal (inver.). 5-Contra-
ção da preposição A com o arti. DE
(plural); Armações do chapéu de
chuva; Eco. 6- Reis (abrev.); Fo-
gueira onde antigamente queima-
vam os cadáveres; Ave pernalta;
Batráquio. 7- Chaleira; Lérias. 8-

- Poise o avião no Mar; Altar; sar-
cástico (bra) 9- Letra Grega; Ni-
trogénio; Mamã; artig. (o) antigo.
10- Seguias; Mau cheio; Afluente
do Sorraia; Eleva. 11- Dificuldade
(fig.); Queimas; Ilesas.

VERTICAIS

1- Sossego Móvel de Madeira para
guardar loiça; 2-Risonhos; Roas.
3- Andas com a cabeça no ar;
Simb. Quim. do Bário; duas con-
soantes iguais. 4- Rijeza; sem má-
cula. 5- Jogo de cartas; baixeza.
6- Igual (farm.); Cais; Vazia. 7-
- Delonga; Fruta do Conde (pl).
8- Demente; No princípio da tropa.

9- Composição mordaz ou picante
que rediculariza; Nom. Mas. 10-Dé-
cima sétima letra do alfabeto Gre-
go; Tem conhecimento; Pedras de
Amolar. 11-Terra Portuguesa; Cer-
car. 12-Planta aromática do Centro
e Sul de Portugal nos lugares mais
secos; Ves-timenta de Indiana. 13 -
- Impios; Sem companhia; Art.
Prepo. e o Art. 14-Rendeiro; Qua-
dro a óleo. 15-Chagas.

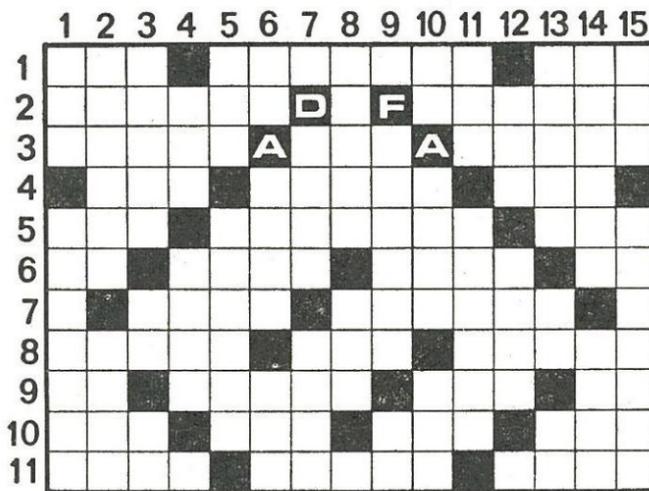
(SOLUÇÕES DO PROBLEMA) N.º 7

HORIZONTALAIS

1- Mar; assolar; Luz. 2- Amélia;
munira. 3- Calar; MNU; Icaro. 4-
- Ran; Maios; Ova. 5- Bas; Famo-
sas; Ais. 6- Ar; SINA; Sias; Si.
7- Cano; Rasgão. 8- Amard; Mas;
Rubre. 9- No; Iates; Mel; Ar. 10 -
-Aço; res; Aos; Apa. 11 - Lara;
Malar; Noel.

VERTICAIS

1- Mac; Bacanal. 2- Amarrar; Mola.
3- Relas; CA; Or. 4- Lã; sari.
5- Air; Findar. 6- Sa; Mano; Tem.
7- Mama; Mesa. 8- Osnio; Ras.
9- Vossa; AA. 10- AM; Sais. 11-
- Rui; Sagres. 12- Nco; Saul. 13-
- Liava; OB; AO. 14- Urrais; Rape.
15-Zao; Sinderal.



ARITMOGRAMA

(SOLUÇÕES DO PROBLEMA) N.º 7

HORIZONTALAIS

7 × 2 + 1 = 15
6 : 3 + 5 = 7
1 + 6 - 4 = 3

VERTICAIS

7 + 6 + 1 = 14
2 × 3 + 6 = 12
1 + 5 - 4 = 2



1	×		+		=9
+		×		+	
	:		+		=5
+		+		-	
	+		-		=8
=9		=8		=6	

P. S. e P. C. Respondem a Inquérito

(Continuação da pág. 6)
ainda não foi levado a cabo em nenhum país do mundo. Isto talvez porque o socialismo seja um sistema a procurar permanentemente, no interior e no exterior de nós mesmos.

Para se estar na sociedade Socialista não basta nacionalizar os meios de produção (terras, fábricas e outros). Há também que «socializar» («colectivizar») as consciências. E esta será a tarefa mais difícil de uma humanidade cada vez mais sujeita à opressão da técnica, da produção e da planificação. Mas conseguimos-lo, porque é um desejo escondido nos mais profundos recônditos de nós mesmo.

P.C. — A resposta a este questionário prevista para o início de Março, acabou por ser feita após o golpe contra-revolucionário iniciado com o ataque ao RAL 1, no dia 11. As consequências extraordinárias destes acontecimentos para a luta do nosso povo impõe-se-nos que comecemos pela sua análise, ainda que breve.

A reacção não se deu por vencida com o 25 de Abril. Desde logo agiu para retomar o poder político que, dia após dia, mais lhe fugia das mãos. O 11 de Março é, depois de várias outras tentativas, como a do golpe constitucional de Palma Carlos e Spínola, com o apoio de Sá Carneiro, e a do 28 de Setembro, uma nova e desesperada tentativa do grande capital para pôr fim ao processo revolucionário do nosso povo, para recuperar o poder político e de novo submeter Portugal a um regime de opressão fascista com ou sem disfarce.

O Partido Comunista Português condena vigorosamente os executores do golpe contra-revolucionário e todos os seus cúmplices, conhecidos ou encobertos, e exige o seu severo e exemplar castigo. Não apenas por elementar justiça, mas como uma necessidade fundamental da defesa da Revolução. Ao mesmo tempo o PCP acusa como responsáveis pelo 11 de Março também os que, no plano político lhe criaram condições, com a insidiosa campanha anti-MFA, com a violenta campanha anticomunista. Por isso o PCP se manifestou contra a participação do PPD no novo Governo a formar depois do 11 de Março, seguro de que a política avançada que o País exige, as profundas medidas antimonopolistas, anti-latifundiárias e a defesa da Liberdade (da liberdade concreta, da liberdade para os trabalhadores e do povo, que é seguramente a falta de liberdade para os monopolistas e outros conspiradores), seguro, dizíamos, de que o avanço do processo revolucionário não será assegurado por forças que têm por objectivo opôr-se a ele.

A derrota da reacção em 11 de Março tem de traduzir-se numa real vitória do Povo português. Contrariamente ao que aconteceu a seguir ao 28 de Setembro, as forças progressistas têm de explorar o sucesso, isto é, prosseguir com decisão a destruição do poder dos monopólios, avançar na reforma agrária realizar um profundo saneamento nas Forças Armadas, Ministérios, Autarquias locais e simultaneamente fortalecer o novo Estado democrático. Verdadeiramente democrático e não o da democracia burguesa, que é em todo o lado o Estado dos monopólios, púdicamente e demagogicamente coberto como a parra da liberdade abstracta.

A criação do Conselho da Revolução e a nacionalização da banca e seguros, decisões que o MFA tomou a seguir ao 11 de Março e que, estamos certos o futuro assinalará como históricas, dão-nos razões para estar confiantes. No plano económico estas são as primeiras grandes medidas, há tempo exigidas pelos trabalhadores e forças progressistas, que vêm dar cumprimento à orientação anti-monopolista do Programa do MFA.

Desde há vários meses que o PCP considerava urgente resolver a favor da democracia e do Povo a contradição que caracterizava o Poder em Portugal, desde o 25 de Abril. Isto é, o poder político pertencia a uma coligação de forças representativas, no fundamental, da classe operária, pequena e média burguesia, e o poder económico continuava intacto na mão dos monopólios e latifundiários. Esta situação, não podia deixar de ser transitória e, o poder político se agravava à esfera económica, ou o grande capital monopolista recuperaria o poder político. A vitória começou a prender decisivamente para o lado do Povo.

As grandes tarefas que se põem hoje aos trabalhadores, ao Povo português, aos democratas, impõem a todas as forças que lutam pelo futuro radioso do socialismo e do comunismo, juntamente com as que não estando hoje ganhas para tal perspectiva, mas não querem regressar ao passado de opressão fascista, se esforcem por diminuir aquilo que as desune e se esforcem por valorizar o que têm de comum.

O PCP caracteriza a actual mutação social como uma Revolução.

Uma revolução democrática, anticolonial e anti-imperialista. Uma revolução que obedecerá às leis gerais que regem as revoluções sociais por que já passaram outros países, mas também uma revolução que tem as suas particularidades muito próprias, consequência da característica fundamental do Portugal de antes de 25 de Abril, a de ser um país simultaneamente opressor (país colonialista) e um país oprimido (altamente dominado pelo imperialismo). Com particularidades muito próprias que resultam dum factor-chave: a aliança das duas componentes fundamentais da Revolução, o movimento popular das massas e o Movimento das Forças Armadas. Com particularidades próprias que resultam da permanência de um regime fascista durante 48 anos, da existência durante todo este período de praticamente um único partido antifascista, vivendo na mais rigorosa clandestinidade, dando provas de grande capacidade revolucionária — o PCP. Partido que sendo nos anos 20 um pequeno grupo de comunistas conseguiu, sob a mais feroz repressão, fortalecer-se, encabeçar todas as principais lutas do proletariado e do Povo português, forjar com dura tempera um núcleo, cada ano mais numeroso, de revolucionários prontos a dar a vida pela causa do Povo e do comunismo. Em 25 de Abril aparece à luz do dia como um grande partido revolucionário. Não caíu do céu, nem é filho da espontaneidade. Nasceu da capacidade revolucionária da classe operária portuguesa, fortaleceu-se devido à aplicação justa do marxismo-leninismo, foi fruto do sacrifício de milhares de companheiros que souberam dar a sua vida e a sua dedicação abnegada à luta.

Em breve realizar-se-ão as eleições para a Assembleia Constituinte. O PCP apresentará candidatos em todo o País. Candidatos do Povo e bem representativos do Partido revolucionário da classe operária. Muitos deles passaram a maior parte da sua vida na clandestinidade. Os que passaram pelas prisões fascistas sofreram um total de 400 anos de prisão.

Apesar da falta de condições para um voto livre e esclarecido em certas zonas do interior e do Norte do país, estamos certos que as eleições confirmarão a grande implantação do PCP no seio do nosso Povo.

As eleições são um marco importante na vida política de Portugal. Mas elas não resumem o processo político. Não são a meta, como certos partidos burgueses pretendem. Elas são antes um momento, e importante, do processo revolucionário. Elas constituíam, aliás, um ponto do nosso Programa, aprovado em 1965 no VI Congresso e actualizado em Outubro de 1974, no VII Congresso (Extraordinário).

O Programa do PCP, que conserva o fundamental do Programa aprovado em 1965, define desde essa altura a etapa actual da Revolução em Portugal, como uma Revolução Democrática e Nacional, cujos objectivos fundamentais são:

- 1.º — Destruir o estado fascista e instaurar um regime democrático. Criação dum Governo Provisório em que o PCP participe e realização de eleições livres para a Assembleia Constituinte.
- 2.º — Liquidar o poder dos monopólios e promover o desenvolvimento económico geral.
- 3.º — Realizar a Reforma Agrária entregando a terra a quem a trabalha.
- 4.º — Elevar o nível de vida das classes trabalhadoras e do povo em geral.
- 5.º — Democratizar a instrução e a cultura.
- 6.º — Libertar Portugal do imperialismo.
- 7.º — Reconhecer e assegurar aos povos das colónias portuguesas o direito à imediata independência.
- 8.º — Seguir uma política de paz e amizade com todos os povos.

A realização na prática de boa parte do nosso programa vem confirmar o carácter científico do programa do PCP e da sua estratégia e prática na luta de classes.

A.D.F.A. — CARACTERIZE E COMENTE A LINHA DE ACTUAÇÃO DA A.D.F.A. E SUA PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO EM CURSO?

P.S. — A linha de actuação da ADFA é pouco conhecida da generalidade da população, pois a sociedade capitalista, em que vivemos, preocupa-se mais com o lucro e a ganância do que com os que têm frio ou sofrem.

No entanto a actuação da ADFA parece-nos encaminhada no melhor sentido: a denúncia de todos os métodos e sistemas de opressão do homem e a consciencialização das massas para tarefas comunitárias de interesse mútuo.

PCP — O insuficiente conhecimento da actividade da ADFA impede-nos de apre-

ciar com profundidade a sua linha de acção. Aquilo que conhecemos permite-nos afirmar, no entanto, ser a ADFA a única organização capaz de mobilizar os deficientes das F.A. e também, concertada, os deficientes civis, se convenientemente apoiada. A sua direcção é caracterizada pela actuação progressista de homens cheios de vigor e coragem revolucionária, por um espírito jovem, empreendedor, e que estamos seguros saberão (já o estão a fazer) mobilizar a grande energia e capacidade que representam os 30 mil deficientes das F.A. e, se a esse âmbito se alargar, os 800 ou 900 mil deficientes civis. As suas iniciativas concretas são exemplo disso.

Os fascistas, antes e depois do 25 de Abril, sempre procuraram empenhar os deficientes das F.A. na defesa do colonialismo e da pior reacção. Procuram convencê-los de que a saúde perdida e as mutilações sofridas na injusta guerra colonial, eram mais uma razão para que eles, e com eles o povo, continuassem a apoiar essa odiosa guerra. Os deficientes das F.A. são, com os nossos irmãos de Angola, Moçambique e Guiné, traumatizados ou mutilados pela guerra, as principais vítimas do odioso fascismo-colonialismo. É com regozijo que o nosso povo deverá assistir à sua mobilização pela ADFA e à sua participação nas campanhas de dinamização cultural e outras iniciativas, que são a participação afinal na luta de libertação do nosso povo e que será também a luta pela sua própria libertação do gueto a que o fascismo os condenara.

A.D.F.A. — EM QUE BASES DEVERA INCIDIR A POLÍTICA GOVERNAMENTAL EM RELAÇÃO AOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS?

P.S. — A política governamental em relação aos deficientes das F. A. tem sido igual à política governamental em relação à restante população do país. Levar por diante um processo de autonomia e plena realização das pessoas, sem discriminações, segundo o lema: a cada um segundo as suas necessidades, de cada um segundo as suas possibilidades intelectuais e físicas.

PCP — O derrubamento do regime fascista veio pôr fim a 13 anos de uma guerra injusta, guerra que matou e feriu milhares de africanos e sacrificou aos interesses dos colonialistas milhares de vidas de jovens portugueses. A 30 mil sobe o número dos que carregam consigo a marca indelével da guerra e a muitos mais sobe, com certeza, o número dos que ficaram, quantas vezes sem remédio, traumatizados no espírito, deformados no carácter, dificilmente recuperáveis no comportamento cívico.

O povo português tem para com os deficientes das suas F.A. uma dívida que, se não pode pagar inteiramente, pode minorar. E terá de o fazer através duma política de Governo que ponha ao seu serviço os meios necessários à sua reabilitação e integração plena na sociedade. O Governo e o Estado deverão para isso criar estruturas adequadas que possam levar à prática uma política em cuja definição os próprios deficientes deverão ter o papel fundamental.

O facto de os militares, através do MFA, terem hoje uma participação decisiva nos órgãos do Poder, permitirá certamente tornar o Governo e Autarquias mais sensíveis ao apoio que é necessário prestar às iniciativas dos seus camaradas mais atingidos pela guerra colonial.

A.D.F.A. — SENDO A REABILITAÇÃO E CONSEQUENTEMENTE A INTEGRAÇÃO O PRINCIPAL OBJECTIVO DE UMA POLÍTICA SOCIAL EM RELAÇÃO AO DEFICIENTE, E EXISTINDO EM PORTUGAL, CERCA DE 900 000 DEFICIENTES, DIGA QUAIS AS LINHAS DE ACTUAÇÃO A CURTO, MÉDIO E LONGO PRAZO QUE O SEU PARTIDO PRECONIZA?

P.S. — O problema dos deficientes tem que ser resolvido conjuntamente com os restantes problemas económicos e sociais. Quer dizer que a solução daqueles resultará também na implantação nacional de serviços de educação, saúde, segurança social, trabalho, cultura, efectivamente ao serviço da esmagadora maioria dos cidadãos.

A terminar um pequeno alerta: — 48 anos de fascismo esmagaram de tal modo esta nação que a geração actual muito terá que sofrer para que se consiga tirar o país do abismo onde se encontrava.

PCP — O PCP não tem elaborado um plano de actuação concreta relativamente ao conjunto de problemas dos deficientes.

Mas, guiado por uma concepção materialista-dialéctica da vida, tem em relação a qualquer aspecto das realidades do nosso povo uma orientação própria, e tem-na portanto também em relação aos deficientes.

Mais do que medidas concretas indicaremos linhas de orientação geral e a atitude que nos parece justa, relativa-

mente ao deficiente. Sabemos que o regime fascista não resolveu este problema, como aliás qualquer sociedade capitalista, e os deficientes são condenados à esmola, à ajuda «humanitária» da instituição de caridade que tem como objectivo principal, muitas vezes, exhibir o «humanitarismo» dos opressores do povo. O regime fascista e o regime capitalista em geral, marginaliza o deficiente como uma mercadoria de menor valor. Segrega-o da vida social, destrói-o psicologicamente, forçando-o, em alguns casos, a procurar no álcool e na droga a fuga a uma realidade que não o aceita. Os comunistas lutarão para que os deficientes ocupem na sociedade portuguesa o lugar de cidadãos, tão válidos como quaisquer outros. Lutarão para que lhes sejam criadas condições naturais de reabilitação e integração plena na sociedade, como lutarão para mudar a mentalidade daquela opinião pública que erradamente vê no deficiente um diminuído, um homem que necessita da nossa caridade. Frequente. mente o deficiente físico é muito menos «deficiente» que o comum das pessoas, quantas vezes muito mais diminuídas profissionais, mental ou moralmente. Os comunistas estão conscientes de que os deficientes não precisam de caridade ou paternalismo; precisam apenas que não os segreguem, que a sociedade lhes dê iguais oportunidades, que a sociedade lhes dê aquilo a que têm direito: condições que os habilitem a igual acesso ao trabalho, à cultura, à participação social.

Os comunistas sabem que na defesa dos interesses específicos de qualquer grupo humano ninguém pode substituir os directamente interessados. Por isso pensamos que um papel insubstituível para a reabilitação, integração e mobilização dos deficientes cabe a uma associação dinâmica que os ganhe para a defesa dos seus interesses, que são afinal os da sociedade no seu conjunto. Essa associação já existe para as F.A. — a A.D.F.A. — mas impõe-se talvez ganhar o apoio necessário e descobrir as formas mais eficientes que alarguem a sua acção às centenas de milhares de deficientes civis.

O Portugal novo que queremos construir, a sociedade democrática que hoje forjamos, a sociedade socialista que seguidamente, sem qualquer dúvida edificaremos, não pode dispensar as enormes potencialidades revolucionárias dos milhares de jovens deficientes das F.A., como não pode dispensar as das centenas de milhares de deficientes civis.

Nas fileiras do Partido Comunista Português, sempre lutaram deficientes lado a lado com os seus camaradas e sem que alguma vez admitíssemos que algo os distinguísse dos outros militantes.

O PCP aproveita esta oportunidade e apela aos deficientes das F.A. que estejam de acordo com o seu Programa, a inscreverem-se no PCP, a lutar nas suas fileiras por uma sociedade mais justa e sem a exploração do homem pelo homem.

Manifestamos ainda o nosso apreço por esta iniciativa do órgão da A.D.F.A. que visa o esclarecimento político dos seus leitores, a quem dirigimos, assim como à direcção do «ELO», uma saudação de combate.

Assassínio do Rei Façal

No passado dia 25 de Março de 1975, o Rei Façal da Arábia Saudita, foi morto a tiro na cidade de Riade, Capital do reino. O autor do assassinio foi seu sobrinho, o príncipe Façal Ben Aziz o qual disparou vários tiros contra o tio no momento em que se aproximou para o cumprimentar.

O Rei morto era o chefe de estado mais rico do mundo e foi enterrado em campa rasa e o seu corpo enrolado num simples pano branco.

Especula-se, entretanto, sobre as motivações do assassinio. Será vingança, política ou doidice? A verdade virá por certo ao nosso conhecimento.

PONT
ZER



PARA A HISTÓRIA DA A DFA

Organizações Fascistas Atacam mesmo

depois do 25 de Abril

O Segredo do cofre fascista não é difícil de decifrar. Os seus pontos-chaves são desde longa data conhecidos. Removê-los e aniquilá-los é tarefa bem mais difícil dado que alguns deles assentaram raízes e moldaram a seu desejo a alma do trabalhador, muito principalmente do camponês, que se viu, ao longo dos anos, privado da faculdade de por si decidir os seus caminhos.

Assim, como força altamente reaccionária, senhores de determinada dose de capital, muito dele explorado directamente da bolsa do oprimido, aparece o clero.

Como detentores do capital, em qualquer conflito de trabalho que surja, tentam de imediato colocar Cristo e a Igreja de permeio para salvaguarda dos seus privilégios. Homens há, que são puros nos seus ideais e que levam junto das populações as autênticas mensagens de Cristo. Outros no entanto, infelizmente a maioria, marginalizam aqueles, acotovelam-se à roda do seu Bispo na maioria dos casos «lobo com pele de ovelha» e alinham descaradamente nas manobras reaccionárias.

Quantos «11 de Março» serão precisos para sanear essa cambada que brinca com a honestidade e a dignidade dum Povo, boicotando o avanço da Igreja no verdadeiro caminho de Cristo que é a defesa dos pobres e dos oprimidos.

Mas esses falsos profetas parecem mais inclinados para defenderem os ricos e os opressores. Até quando?

A primeira reunião, após o 25 de Abril, em que nasceu um documento para a Junta de Salvação Nacional, teve lugar no dia 14 de Maio. Para o dia 18 do mesmo mês haviam sido convocados «todos os inválidos» para uma reunião no Lar Militar da Cruz Vermelha Portuguesa.

A Comissão «ad-hoc» da A.D.F.A., não sabendo por quem e para que fins havia sido convocada aquela reunião, decidiu enviar à mesma uma delegação.

Já no Lar Militar veio-se a constatar que a reunião havia sido convocada pela União dos Inválidos. Os deficientes em geral e sobretudo os residentes no Lar insurgiram-se de imediato contra a realização da reunião pelos promotores. Não admitiram que essa organização,

que antes do 25 de Abril nada fizera para a reintegração social, viesse, agora, sabotar um movimento que os próprios deficientes haviam já antes do 25 de Abril desencadeado.

As actividades da União dos Inválidos reduziam-se a esmolar submissamente, junto dos ministérios fascistas, um aumento de pensões que nunca conseguiram. A falta de mais profícuas actividades, os seus dirigentes, alguns deles vítimas das guerras coloniais, dedicavam-se ao desenvolvimento de actividades saudáveis da guerra, culminado na realização do famigerado congresso dos combatentes do Porto, o que

veio a constituir uma das causas do aparecimento do Movimento dos Capitães.

Os Deficientes das Forças Armadas, conhecedores das funestas actividades de organizações do género, negaram-se a por elas serem manipuladas e, nessa tarde de 18 de Maio, boicotaram a reunião, tentando mesmo expulsar da sala os representantes da União dos Inválidos e as Senhoras da Cruz Vermelha e do Movimento Nacional Feminino.

A sessão veio a realizar-se sob a orientação da delegação da A DFA que aí se havia deslocado, tendo-se afirmado que só uma organização fundada pelos Deficientes e por eles conduzida seria capaz de servir de garante dos seus interesses.

P. S. e P. C. RESPONDEM A INQUÉRITO

Começamos a publicar neste número as respostas, até ao momento recebidas, do questionário formulado pela A DFA que foi enviado aos partidos políticos, no cumprimento do expresso no artigo «A propósito das eleições» inserido num dos últimos números do nosso jornal.

A.D.F.A. — COMO DEFINE E CARACTERIZA A ACTUAL MUTAÇÃO SOCIAL DO NOSSO PAÍS?

P.S. — O termo mutação social pode prestar-se a diversas interpretações devido ao seu carácter ambíguo.

Se associarmos o termo mutação social à expressão mutação político-social podemos delimitar melhor o sentido da pergunta posta, (se for esse o sentido...)

Em termos políticos, verificou-se em 25 de Abril, e tem vindo a desenvolver-se, em Portugal, um processo revolucionário, pacífico nos seus aspectos físicos (ausência de muitas mortes) mas profundamente violento no campo da alteração e substituições de organização e seus agentes. Destaca-se isto somente para opôr à ideia por vezes generalizada de que aqui houve uma revolução pacífica.

A revolução foi pacífica até certo ponto, como se disse.

A revolução implicou a passagem

duma ditadura militar-policial pra uma pré-democracia, onde se tentam lançar as bases duma democracia que ainda se não sabe como virá a ser — se apenas ocidental, de sentido clássico, ou se uma democracia dita avançada, com o poder económico controlado pelos cidadãos.

O crescente domínio da técnica e da planificação (no Leste e no Oeste) obrigam, para que o sistema funcione, à existência de órgãos com poder efectivo e à existência de cada vez maiores constrangimentos, no trabalho e na Sociedade. Para anular duas necessidades — fome e frio — o homem tem inflacionado o número de subordinados e constrangimentos sociais, profissionais e técnicos.

Dá que se ponha o problema de qual o sentido que deve tomar a luta revolucionária de libertação na sociedade industrial e técnica (na tecnoestrutura segundo Galbraith), já que nas colónias, pelo menos de imediato toda a gente sabe qual é o sentido dessa luta.

O Socialismo democrático tem sido apontado como solução, face aos desvios burocratizados de outros sistemas, que em nome daquele, se expressam. Mas temos a coragem de constatar que o socialismo democrático (um pleonasma)

(Continua na pág. 5)

ASSINAR o «ELO» significa estar de acordo com um conjunto de ideias e sobretudo apoiar os deficientes na sua luta.

Recorte e envie para o JORNAL «ELO» — PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA - LARGO DE S. DOMINGOS - LISBOA-2

QUEIRAM-ME CONSIDERAR ASSINANTE DO VOSSO JORNAL

NOME

MORADA

LOCALIDADE

ASSINATURA:

SEMESTRAL 30\$00

ANUAL 60\$00

marque com um X nº quadrado respectivo.

ELEIÇÕES PARA OS NOVOS CORPOS ADMINISTRATIVOS

CAMARADA:

Deves ter estranhado o adiamento da nossa Assembleia Geral Ordinária. Motivos imperiosos obrigaram-nos a tomar tal procedimento, tais como avaria na máquina de tratamento de correio o que motivou não pudermos avisar todos os associados dentro do prazo legal.

Esperamos que este adiamento não te traga transtornos, e que a tua presença na próxima Assembleia Geral seja uma realidade, pois a A.D.F.A. necessita de ti.

REGULAMENTAÇÃO

Tornando-se necessário proceder à Eleição de novos Corpos Administrativos, foi para o efeito nomeada uma Comissão Eleitoral que encabeçará todos os trabalhos inerentes ao acto eleitoral e enviará todos os esforços no sentido de se fazerem cumprir as determinações julgadas convenientes para que fiquem asseguradas as liberdades democráticas no acto eleitoral.

Da reunião realizada em 22/3/1975 foram aprovadas as seguintes normas:

CAPÍTULO I

— As eleições terão lugar impreterivelmente no dia 19 de Abril de 1975 conforme convocatória a enviar a cada sócio oportunamente.

CAPÍTULO II

— As listas para terem validade eleitoral terão que obedecer aos seguintes requisitos:

1) — Cargo inter-órgão seguido do nome e número de sócio e assinatura.

2) — Terão que dar entrada no gabinete da Comissão Eleitoral até às 20H00 do dia 8 de Abril de 1975.

3) — Nenhum candidato poderá constar em mais do que uma lista.

4) — Cada lista deverá indicar o seu representante junto da Comissão Eleitoral da qual ficará de imediato a fazer parte.

5) — Fica dispensada a assinatura de qualquer sócio proponente.

CAPÍTULO III

1) — A Comissão compromete-se a fazer publicar no Jornal da A DFA, todas as listas bem como os respectivos programas que as mesmas apresentem.

2) — A partir do dia 14 de Abril e por sorteio, realizar-se-ão nas instalações da A DFA sessões de propaganda Eleitoral das listas candidatas.

3) — Os horários das sessões indicadas no número anterior serão publicadas em conjunto com as listas no Jornal da A DFA.

CAPÍTULO IV

Os sócios serão devidamente elucidados na altura, da maneira como decorrerá o acto eleitoral.

CAPÍTULO V

A incapacidade eleitoral será regulada pela legislação em vigor respeitante às Eleições para a Assembleia Constituinte.

CAPÍTULO VI

A resolução de todos os casos omissos ou imprevistos que possam surgir durante o acto eleitoral será da exclusiva competência da Comissão Eleitoral.

Composição da Comissão Eleitoral:

António J. F. Raimundo, Luís Maria da R. e B. Aguiam, António G. Calvino, Humberto Sertório F. Rodrigues, Hugo António C. Guerra.

Lisboa, 22 de Março de 1975

A COMISSÃO ELEITORAL